

13ª JORNADA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

FILOSOFIA

A SOCIEDADE INDUSTRIAL COMO FORMA DE CONTROLE DA LIBERDADE

Lucas dos Santos da Silva (IC/UNIRIO).

Faculdade de Filosofia; Centro de Ciências Humanas e Sociais; Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

Palavras-chave: Marcuse; Controle; Liberdade.

INTRODUÇÃO

A pesquisa examina e discute o significado filosófico e as consequências éticas e políticas da relação que há entre a tecnologia e a sociedade moderna. A partir da leitura da obra *O Homem Unidimensional*, de Herbert Marcuse, almeja-se compreender filosoficamente o conceito de sociedade industrial e a relação entre a liberdade e o controle. Trata-se de investigar de que modo a tecnociência modifica hoje a forma em que a sociedade é conformada, revelando os novos significados, as ameaças, as implicações práticas e os novos desafios em jogo na mobilidade relativa e na constitutiva instabilidade às quais a tecnologia está hoje submetida. Em torno de Herbert Marcuse, que desenvolve um pensamento original acerca da relação entre a tecnologia e a sociedade, o projeto de ensino se constituiu como uma busca. A busca pelos reflexos do desenvolvimento técnico-científico na modernidade. A relevância deste trabalho consiste em uma melhor compreensão sobre o papel da tecnologia na sociedade, suas implicações, seus problemas, as questões que nascem da existência da sociedade industrial.

OBJETIVO

A partir da leitura da obra *O Homem Unidimensional*, de Herbert Marcuse, procura-se abordar a relação entre a “sociedade sem oposição” e a liberdade individual e coletiva. O autor vai dizer, no início da obra, que o progresso técnico cria formas de vida que rejeitam todo protesto em nome de perspectivas históricas de liberdade da labuta e da dominação. Pretende-se investigar como a tecnologia se transforma, na sociedade industrial, em instrumento de contenção da transformação social. Pretende-se discorrer sobre o significado do que Marcuse vai entender como “elemento irracional” presente na racionalidade da sociedade tecnológica.

METODOLOGIA

A pesquisa, como um estudo histórico-conceitual, foi desenvolvida a partir de levantamento bibliográfico, revisão crítica e fichamentos não só da obra de Marcuse, como também de uma bibliografia de apoio, que ajudou a compreender os objetivos da investigação, a fim de enriquecer o estudo através do diálogo com os trabalhos já existentes sobre o problema. Tal orientação metodológica aprimorou a capacidade de análise crítica de textos e contextos histórico-conceituais, a colocação de problemas, a compreensão da posição filosófica do autor, a apropriação discursiva e a síntese conceitual dos aspectos essenciais de cada texto, situando-os no propósito da pesquisa.

RESULTADOS

Marcuse, em sua obra, aponta o potencial destrutivo da sociedade industrial avançada (leia-se: capitalismo tardio), aponta um tipo de subversão de valores, uma lógica inversa, irracional, presente nessa organização social. Marcuse relaciona a propaganda com o controle social, quando esta se torna instrumento para mobilizar a sociedade a acreditar na necessidade de avanço científico e bélico.

A produção dos “meios de destruição”, possível pelo avanço tecnológico, causa então uma maior utilização e desperdício dos bens naturais, como também o aumento da indústria tecnológica. As necessidades de poucos seriam ‘compradas’ por muitos, e essas necessidades, como a de defesa, promovem o giro do capital e um tipo de ‘equilíbrio’, estagnação social.

Na forma como é organizada, a sociedade industrial privilegia o homem no que tange ao domínio sobre a natureza e à facilidade de viver.

A razão tecnológica é tola, irracional, se tornando um instrumento de alta alienação que priva o homem de desenvolver suas necessidades e faculdades instintuais, no momento em que se cobra exorbitantemente por produtividade. Seguindo essa razão, a paz se restringiria ao desenvolvimento de tecnologias de ataque e defesa, e o crescimento econômico dependeria da repressão das possibilidades de se aliviar a subsistência dos homens. Essa razão promove então uma tirania tecnológica, só que às avessas. Não mais a violência e a repressão do antigo padrão são instrumentos de dominação, mas o atrativo do desenvolvimento tecnológico e da facilidade e eficiência para o viver, que ele traz consigo.

Marcuse então, frente à essa sociedade tecnológica avançada, visa propor uma teoria crítica da sociedade. Com base nas ideias de que a vida humana vale a pena ser vivida e se deve saber utilizar bem os recursos intelectuais e materiais, desenvolvendo-os com o mínimo de labuta e miséria, Marcuse propõe a teoria crítica como uma análise da sociedade contemporânea que tem em vista aprimorar a condição humana. O desenvolvimento pensado pela teoria crítica não vai ser pensado com base em como se move a sociedade atualmente, como é seu sistema político, como se utiliza dos recursos naturais. A teoria crítica esforça-se para abstrair-se do presente, por isso Marcuse pensa em “transcendência”, não no sentido metafísico, mas uma transcendência no sentido histórico, onde se ultrapassa o “universo” do presente e se volta ao passado para pensar o presente e se propor um desenvolvimento social ideal. Compara então a organização social presente com outras maneiras possíveis, existentes em outros lugares e tempos.

A sociedade industrial avançada, porém, tem em si um elemento de controle social tão nefasto e subliminar, que vende a promessa da liberdade, até mesmo liberdade

13ª JORNADA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

de oposição. Sendo assim, se torna capaz de conter a transformação social, pois transforma a oposição em categoria, numa política bipartidária, onde faz com que se escolha ser ou de um ou de outro lado, mas os dois lados mantêm a sociedade industrial. Os dois lados são conquistados pelas promessas do avanço tecnológico e pela valorização do trabalho, como constituição fundamental, como identidade nacional, elemento fundador na sociedade industrial. A teoria crítica parece assim inútil, por não ser interesse de ninguém, mas é necessária para Marcuse por identificar problemas para os quais a maior parte da população está cega. Por trás da sociedade industrial, há o problema, mas dificilmente é visto. Ela parece seguir uma lógica, ser correta, uma sociedade sem conflitos.

A sociedade industrial se mostra como algo ambíguo. Ao mesmo tempo em que é produtiva, é destrutiva. A tecnologia, nela, se torna um grande instrumento de dominação. Não é mais possível separar a tecnologia do seu uso, pois o próprio desenvolvimento tecnológico é iniciado com metas políticas, de dominação. A tecnologia é mais eficiente na dominação por ser agradável, por promover um tipo de “faz-de-conta”, onde a população não percebe o controle a que é submetida. A sociedade industrial é um tipo de universo político, onde a tecnologia é em si um projeto, que influencia todos os aspectos da sociedade.

CONCLUSÃO

Foi possível concluir que para Marcuse a sociedade tecnológica é uma forma de organização social totalitária, restritiva, opressora e irracional, como um vírus que se alastra e vai definhando a capacidade de autonomia e transformação social. Os direitos e as liberdades perdem seu sentido lógico e seus conteúdos tradicionais. A administração dessa sociedade é uma administração repressiva, que usa de diversas formas tecnológicas de controle para se manter no poder, que impossibilita a oposição crítica. Marcuse está se deparando com um problema que se encontra em seu limiar: o capitalismo tardio. A forma com o que o capitalismo se desenvolveu, na sociedade industrial vai chegar a um nível exorbitante, onde o desenvolvimento tecnológico foi levado até as últimas consequências.

REFERÊNCIAS

- MARCUSE, Herbert. A Ideologia da Sociedade Industrial. Trad. Giasone Rebuá, 4ª Ed., Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1973
- ABROMEIT, John. Heideggerianismo de esquerda ou marxismo fenomenológico? Reconsiderando a teoria crítica da tecnologia de Herbert Marcuse. Caderno CRH, Salvador, v. 24, n. 62, p. 285-305, Maio/Ago, 2011
- PISANI, Marília Mello. Algumas considerações sobre ciência e política no pensamento de Herbert Marcuse. Scientiae Studia, São Paulo, v. 7, n. 1, p. 135-158, 2009.